

A Reconstrução do Templo

Kenneth L. Gentry, Jr.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Há umas poucas profecias no Antigo Testamento que parecem, numa leitura inicial, predizer uma reconstrução do templo de Israel em algum tempo no futuro, i.e., na era do Novo Pacto. Entre as passagens assim entendidas estão: Isaías 56.7; 66.20-23; Jeremias 33.18; Zacarias 14.16-21; e Malaquias 3.3-4.

O conceito dos judeus retornando à sua terra para que o Messias possa governar sobre um reino judaico exaltado, completo com um Templo judaico e o sistema sacrificial restabelecidos, há tempos tem sido atrativo para dos dispensacionalistas. Alguns até mesmo sustentam tais ensinamentos como verdades cardinais da Escritura.² John Walvoord admite abertamente que “a maioria dos estudantes profundos do pré-milenismo [i.e., dispensacionalismo], que evidenciam o entendimento da relação da interpretação literal com a doutrina pré-milenista, abraçam o conceito de um templo e sacrifícios literais”.³ John Whitcomb, professor do *Grace Theological Seminary*, colocou isso de uma forma mais forte: “O dispensacionalismo consistente deve ensinar a prática dos sacrifícios de animais por um Israel restaurado e regenerado no Milênio”.⁴

Uma obra recente intitulada *The Coming Temple: Center Stage for the Final Countdown* [O Templo Vindouro: Estágio Central para a Contagem Regressiva Final] revela claramente essa expectativa dispensacionalista: “Como podemos estar certos que o Templo será realmente construído?”

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em janeiro/2009.

² Hal Lindsey, *The Road to Holocaust* (New York: Bantam, 1989); Dave Hunt, *Whatever Happened to Heaven?* (Eugene, OR: Harvest House, 1988); Don Stewart and Chuck Missler, *The Coming Temple: Center Stage for the Final Countdown* (Orange, CA: Dart, 1991), especialmente p. 188. Veja: Ken Sidey, “For the Love of Zion”, *Christianity Today* 36:3 (March 9, 1992) 46-50.

³ John F. Walvoord, *The Millennial Kingdom* (Findlay, OH: Dunham, 1959), p. 315. Veja também: Thomas D. Ice and Randall Price, *Ready to Rebuild: The Imminent Plan to Rebuild the Last Days Temple* (Eugene, OR: Harvest House, 1992); David Alien Lewis, *Prophecy 2000: Rushing to Armageddon* (Green Forest, AR: New Leaf, 1990), págs. 130ss.

⁴ John C. Whitcomb, “Christ’s Atonement and Animal Sacrifices”, *Grace Theological Journal* 6:2 (1985) 215.

Porque a Bíblia assim o diz”. O livro mostra que há cristãos hoje que estão arrecadando dinheiro para essa reconstrução!⁵

A passagem fundamental sobre a qual essa visão é baseada é a descrição extensiva de Ezequiel 40-48. De acordo com os dispensacionalistas, “a terra será redistribuída entre as doze tribos, e o Templo será reconstruído com os sacrifícios, como memoriais, restituídos” (Ez 40-48).⁶ O templo de Ezequiel é um santuário literal futuro, a ser construído na Palestina como constituída durante o milênio.⁷

A doutrina de um Templo reconstruído é tão patentemente errônea, tanto teológica como exegeticamente, que é chamada por alguns de o “calcanhar de Aquiles do sistema dispensacionalista de interpretação”.⁸ Mesmo os dispensacionalistas reconhecem que a “função futura do templo do milênio (Ez 40-48) há muito tem sido problemática para os dispensacionalistas”.⁹

A Visão Dispensacionalista

Walvoord apresenta a posição dispensacionalista sobre o templo de Ezequiel: “No Milênio, aparentemente, os sacrifícios também serão oferecidos, embora de certa forma diferentes daqueles requeridos sob a Lei Mosaica, mas desta vez os sacrifícios serão memoriais, assim como a Ceia do Senhor, na Era da Igreja, é um memorial da morte de Cristo”.¹⁰ Isso levanta uma pergunta óbvia, mas nunca respondida: *Um memorial a que? E por quê?* Ele está dizendo que a Ceia do Senhor é um sacramento temporal adequado apenas para a “Era da Igreja”? Parece que sim.

⁵ Stewart and Missler, *Coming Temple*, p. 171. O livro é dedicado: “Aos nossos amigos maravilhosos em Israel este livro é dedicado com amor”. Um grupo grande trabalhando para esse fim é o *Jerusalem Temple Foundation* em Los Angeles, Califórnia (p. 189).

⁶ Charles L. Feinberg, *Millennialism: The Two Major Views* (3rd ed.; Chicago: Moody Press, 1980), p. 186.

⁷ Merrill F. Unger, “The Temple Vision of Ezekiel”, *Bibliotheca Sacra* 105 (Oct. 1948) 423. Veja também: A. C. Gaebelien, *The Prophet Ezekiel* (New York: Our Hope, 1918), p. 312; Pentecost, *Things to Come*, p. 514; Walvoord, *Prophecy Knowledge Handbook*, págs. 198ss; Stewart and Missler, *Coming Temple*, p. 225.

⁸ O. T. Allis, *Prophecy and the Church* (Philadelphia: Presbyterian & Reformed, 1945), p. 248.

⁹ John C. Whitcomb, “Christ’s Atonement and Animal Sacrifices in Israel”, 201.

¹⁰ Walvoord, *Prophecy Knowledge Handbook*, p. 202. Whitcomb, outro dispensacionalista, discorda que os sacrifícios serão memoriais: “Os sacrifícios futuro de animais será ‘eficaz’ e ‘expiatório’ somente em termos da provisão estrita para o perdão cerimonial (e, dessa forma, temporal) dentro da teocracia de Israel”. Whitcomb, “Christ’s Atonement and Animal Sacrifices”, p. 210. Mas a visão de Walvoord é a predominante no dispensacionalismo, como demonstrado por John L. Mitchell, “The Question of Millennial Sacrifices”, *Bibliotheca Sacra* 110 (1953) 248ss.

O argumento para tal Templo existe, em última instância, devido à hermenêutica literalista empregada pelos dispensacionalistas. É mantido que uma interpretação simbólica da revelação de Ezequiel é hermeneuticamente falha por deixar “sem respostas o motivo de tais detalhes específicos serem revelados” a Ezequiel. Além do mais, Walvoord admite, “aqueles que adotam a interpretação figurada não concordam quanto ao significado deste templo”¹¹ (como se não existissem diferenças de opinião nas discussões dispensacionalistas do assunto!¹²). Aqui está seu argumento para um Templo reconstruído: “Embora alguns façam objeção à prática de sacrifícios animais no cenário milenar, eles serão necessários, porque as condições ideais nas quais os santos do Milênio viverão contribuirão para atenuar a percepção do horror do pecado e da necessidade de um sacrifício de sangue. Os sacrifícios que forem oferecidos serão, portanto, uma recordação de que apenas pelo derramamento de sangue, mais especificamente o de Cristo, o pecado pode ser removido”.¹³ Pergunta: Com a morte e ressurreição de Cristo atrás de nós, por que alguém deveria no futuro precisar de uma recordação diferente da Ceia do Senhor e da mensagem do evangelho? Eu pergunto: “Fazer *o que* em lembrança de Cristo?” Derramar o sangue de animais? *Isso significaria anular Hebreus 9*. Todavia, isso é apresentado em nome de fidelidade ao texto bíblico.

Problemas com a Visão Dispensacionalista

Primeiro, a visão dispensacionalista é hermeneuticamente falha. Já comentamos sobre o erro do literalismo do dispensacionalismo como uma hermenêutica básica (Capítulo 8). E mais, em Ezequiel temos uma *visão*. Esse fato poderia militar facilmente contra o literalismo, pois as verdades espirituais na Bíblia são frequentemente conceitualizadas idealmente em visões. Essa abordagem explica bem a tendência nos capítulos visionários

¹¹ Walvoord, *Prophecy Knowledge Handbook*, p. 202. Cf. Stewart and Missler, *The Coming Temple*, págs. 227ss.

¹² Dois dispensacionalistas proeminentes que negam um Templo futuro são: H. A. Ironside, *Ezekiel the Prophet* (New York: Loizeaux Bros., 1949), págs. 284ss; J. Sidlow Baxter, *Explore the Book* (Grand Rapids: Zondervan, 1960), p. 32ss. Alguns como Whitcomb têm disputado a explicação comum dos sacrifícios como “memoriais”. Whitcomb, “Christ’s Atonement and Animal Sacrifices in Israel”, págs. 201-217.

¹³ Walvoord, *Prophecy Knowledge Handbook*, p. 202

anteriores em Ezequiel, *onde as verdades espirituais são estruturadas em termos de realidades concretas*. Veja particularmente Ezequiel 1-3 e 8-11 (cf. a distinção entre uma visão e uma revelação direta em Nm 12.6).

Na verdade, existem alguns aspectos da visão que são impossíveis de ser tomados literalmente: (1) O lugar do Templo é sobre um “monte muito alto” (Ez 40.2), embora não exista nenhum “monte muito alto” na área de Jerusalém. (2) A fonte e fluxo do rio são incríveis – fluindo desde debaixo do umbral do Templo e tornando-se um grande rio (Ez 47.1-2). (3) A função do rio tornando o Mar Morto saudável e trazendo vida a tudo o que toca (Ez 47.6-12) é certamente simbolismo. (4) As Doze Tribos recebem partilhas paralelas da terra, que seria impossível na geografia real (Ez 47.13ss). As pressões exegéticas contra a visão dispensacionalista dos sacrifícios futuros são grandes demais. A *New Scofield Reference Bible* (1967) observa o seguinte sobre os sacrifícios oferecidos pelo pecado em Isaías 43.19: “a referência a sacrifícios não devem ser tomadas literalmente”.¹⁴ Essa é uma concessão importante aos críticos do dispensacionalismo.

O “problema” com detalhes particulares militando contra uma descrição ideal não é nenhum problema, como Fairbairn demonstrou em 1851.¹⁵ Isso é muito comum em Ezequiel. Quando Isaías fala do rei de Tiro, ele o faz nuns poucos versículos, em termos breves e gerais (Is 23.1-17). Mas Ezequiel fornece muitos detalhes nos três capítulos lidando com a grandeza e a queda desse rei (Ez 26-28). O mesmo tipo de descrição detalhada ocorre em Ezequiel com respeito aos julgamentos sobre o Egito e Jerusalém.

Os detalhes especiais da visão do Templo fluem do fato de Ezequiel ser um sacerdote (Ez 1.3). Ele até mesmo caracteriza o pecado de Israel como centralizado no Templo (Ez 8-11). Devemos lembrar que mesmo o Templo de Salomão era um símbolo material de verdades celestiais e eternas, que foram importantes em sua construção. Assim, por que não

¹⁴ *New Scofield Reference Bible*, p. 888, nota 1.

¹⁵ Veja: Patrick Fairbairn, *An Exposition of Ezekiel* (Minneapolis: Klock & Klock, [1851] 1979), págs. 431-450.

deveríamos permitir que uma visão tenha tal detalhamento da descrição da verdade espiritual?

Além do mais, a visão da Nova Jerusalém por João remete obviamente de algumas formas à visão de Ezequiel. João parece ter adaptado a visão de Ezequiel como um retrato do reino de Deus na história.¹⁶ Mas a visão de João é manifestadamente uma descrição simbólica, pois o tamanho da cidade é de 2.159.278 quilômetros cúbicos. Isso faria o topo da cidade se estender 1.609 quilômetros acima da órbita do ônibus espacial de hoje! Como a visão de João, a de Ezequiel é um símbolo ideal, não uma profecia de uma cidade literal.¹⁷

Segundo, a visão dispensacionalista é redentivamente retroativa. Como David Brown se queixou há um século: Tal posição é culpada de “judaizar o nosso Cristianismo, em vez de cristianizar os aderentes do Judaísmo”.¹⁸

A visão do Templo de Ezequiel, se interpretada literalmente, imporá novamente a *circuncisão* e tiraria o batismo (pelo menos para os de sexo masculino): “Nenhum estrangeiro, incircunciso de coração ou incircunciso de carne, entrará no meu santuário, dentre os estrangeiros que se acharem no meio dos filhos de Israel” (Ez 44.9). Isso restabelece o que foi para sempre posto de lado, de acordo com o claro ensino do Novo Testamento.¹⁹ A “divisão” separatória com base na circuncisão entre judeus e gentios foi para sempre derrubada, de acordo com o Novo Testamento (Ef 2.11-21).

Uma abordagem literalista da visão de Ezequiel reinstituiria os sacrifícios *redentivos*, a despeito do seu cumprimento e remoção no Novo Testamento (Hb 7.27; 9.26; 10.1-14). Ela reinstitui “o holocausto e a oferta pelo pecado e pela culpa” (Ez 40.39; cf. 43.21), embora essas coisas tenham sido tiradas e postas de lado em Cristo (Hb 10.5, 9, 18). Por que o Senhor deveria retornar aos “rudimentos fracos e pobres” da lei cerimonial (Gl

¹⁶ G. R. Beasley-Murray, “Ezekiel”, *The Eerdmans Bible Commentary*, Donald Guthrie and J. A. Motyer, eds. (3rd ed.; Grand Rapids: Eerdmans, 1970), p. 684.

¹⁷ Eu nunca vi um exemplo de um defensor dispensacionalista do literalismo aplicar sua hermenêutica literalista a esta passagem. Não estou dizendo que algum escritor dedicado, mas desconhecido não tenha feito isso.

¹⁸ David Brown, *Christ's Second Coming: Will It Be Premillennial?* (Edmonton, Alberta: Still Waters Revival, [1882] 1990), p. 352.

¹⁹ Atos 15; Rm 2.26-29; 4.9-12; 1Co 7.18-19; Gl 5.2-6; 6.12-15; Fp 3.3; Cl 2.11; 3.11.

4.9)? Esses são os sacrifícios redentivos do sacerdócio *levita*, realizados pelos filhos de Zadoque (Ez 40.46; 43.19; 44.15; 48.11), a despeito da existência de uma nova ordem de sacerdote: Jesus Cristo, que é o sacerdote da ordem de Melquisedeque (Hb 5.5-10; 6.20; 7.11- 21).²⁰

João 4.21 antecipa a remoção da ordem do Templo: “Crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai”. Encontramos várias outras profecias do Antigo Testamento que transcendem o padrão mosaico de adoração no ambiente do Templo (Is 19.19; Jr 3.16; Zc 14.21; Ml 1.11). Quais seguiremos? As referências que transcendem a adoração no Templo ou aquelas que a reintroduz? Obviamente, estamos lidando com linguagem simbólica. Não existe nenhuma contradição entre os dois tipos de referências, quando propriamente interpretadas.

É importante observar que não há absolutamente *nenhuma indicação* que esses sacrifícios seriam “memoriais”, como querem os dispensacionalistas (e contrariamente ao literalismo deles!). O dispensacionalista Whitcomb escreve: “Ezequiel, contudo, não diz que os animais serão oferecidos para um ‘memorial’ da morte de Cristo. Antes, eles serão para ‘expição’ (45.15, 17, 20; cf. 43.20, 26)”.²¹ Ele está correto. Os sacrifícios em Ezequiel são aqueles estabelecidos por Moisés no sistema levítico – pois esses sacrifícios *são* aqueles sacrifícios renovados, se literalmente concebidos. A Escritura fala claramente da função legal deles no Antigo Testamento como *fazendo realmente reconciliação*. De fato, em Ezequiel 45.15, 17, 20, os sacrifícios a serem oferecidos no suposto Templo futuro são especificamente ditos “fazer reconciliação” ou “expição”. *Eles não são memoriais*. A fraseologia usada aqui – a forma intensa de *kaphar* – é idêntica àquela empregada em Levítico e Números.²²

Como poderia o “cenário do milênio” requerer sacrifícios de sangue “porque as condições ideais nas quais os santos do Milênio viverão

²⁰ Clowney oferece um interessante paradoxo do restabelecimento do sacerdócio levítico, dado o fato que Jesus era da tribo de Judá (Hb 7.14): “Imagine... um templo reconstruído em Jerusalém onde o Senhor Ressurreto seria banido do santuário, enquanto os filhos de Levi fariam a mediação entre ele e o Pai!” Edmund Clowney, “The Final Temple”, em *Studying the New Testament Today* (n.p.: Presbyterian & Reformed, 1974), p. 111.

²¹ Whitcomb, “Christ’s Atonement and Animal Sacrifices in Israel”, p. 211.

²² Lv 6.30; 8.15; 16.6, 11, 24, 30; Nm 5.8; 15.28; 29.5.

contribuirão para atenuar a percepção do horror do pecado e da necessidade de um sacrifício de sangue”? Isso significa que a prevalência universal do conhecimento justo de Deus (Is 11.9), sob a administração de Cristo, irá “atenuar a percepção do horror do pecado” no milênio dispensacionalista? Tal justiça universal e profundamente arraigada não faria o pecado ser ainda mais hediondo e evidente? E o Senhor não quer que hoje reconheçamos profundamente o horror do pecado? Por que então o sistema sacrificial não continua no presente? As palavras na administração da Ceia do Senhor não apontam para o fato horrível do pecado, sem precisar de sacrifícios de animais (1Co 11.23-32)?

A Visão Pós-milenista

Para entender a importância do Templo visionário de Ezequiel, devemos ter em mente a ideia conceitual incorporada na estrutura e serviços do Templo. A essência do Templo é que ele *permanece como um símbolo*. Isto é, *ele é simbólico da relação **pactual** de Deus com o seu povo*. A essência do pacto está contida nessa importantíssima promessa: “Eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo”.²³ O Templo era o lugar especial onde Deus habitava entre o seu povo (1Rs 6.12-13; Jr 7.4-7), como ele tinha feito no Tabernáculo antes (Ex 29.42; 25.22; 30.36). A glória estava especialmente presente em seu santuário (1Rs 8.11; 2Cr 7.1-2), embora nenhum Templo pudesse conter seu imenso ser (1Rs 8.27; Is 66.1; Jr 23.24).

Essa ideia está claramente relacionada à visão do Templo de Ezequiel em 48.35: “O nome da cidade desde aquele dia será: O SENHOR ESTÁ ALI”. Esse Templo visionário é simbólico da presença gloriosa de Deus no Reino de Cristo na era vindoura do Novo Pacto. E é de tal forma, que mesmo adicionalmente definido, ele é simbólico do próprio Cristo. *Cristo é a verdadeira presença de Deus*, da qual poderia se ter apenas uma dica na construção do templo: “A visão do novo templo por Ezequiel é parte desse padrão profético de uma restauração tão total que excede a estrutura cerimonial em glória. A restauração de Ezequiel retorna a Davi

²³ Veja discussão anterior no Capítulo. Veja: Gn 17.7; Ex 5.2; 6.7; 29.45; Lv 11.45; 26.12,45; Dt 4.20; Dt 7.9; 29.14-15; 2Sm 7.24; Sl 105.9; Is 43.6; Jr 24.7; 31.33; 32.38; Ez 11.20; 34.24; 36.28; 37.23; Os 1.10; Zc 8.8; 13.9; 2Co 6.18; Ap 21.3, 7.

no trono, e vê um templo que é um santuário do Paraíso, onde o rio da vida flui desde o trono de Deus até as árvores cujas folhas são a saúde das nações”.²⁴

Uma das profecias finais do Antigo Testamento é Malaquias 3.1: “E de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais; e o mensageiro da aliança, a quem vós desejais”. Essa vinda é a mensagem do Novo Testamento: o Senhor veio para “tabernacular” entre nós (João 1.14, grego; cf. João 1.1; 1 João 1.1-3). Quando chegou, ele foi primeiramente visitado por pastores, que estavam no campo cuidando das *ovelhas do sacrifício* destinadas ao Templo.²⁵ Quando foi apresentado quarenta dias após no Templo, ele foi louvado como a “glória do seu povo Israel” (Lucas 2.32) – linguagem refletindo a glória Chekiná de Deus, que evidenciava a presença de Deus no Templo (Ex 40.34, 35; 1 Sm 4.21-22).

Ele representava tanto a concretização gloriosa do significado do Templo que aquele que o via, estava vendo ao Pai (João 14.9), pois “nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2.9). Ele até mesmo se transfigurou numa gloriosa demonstração de sua verdadeira identidade (Mt 17.1-8; Marcos 9.2-8). Consequentemente, ele alegava com justiça ser *maior que o Templo* (Mt 12.6), pois é o seu cumprimento, sendo a própria presença de Deus. De fato, ele é “a pedra que os construtores rejeitaram”, que “veio a ser a principal pedra” do novo Templo de Deus (Mt 21.42).²⁶

Consequentemente, quando começa o seu ministério profético, ele para na sombra do Templo terreno e informa Jerusalém sobre essa gloriosa verdade: “Derribai este templo, e em três dias o levantarei”, com o que “falava do templo do seu corpo” (João 2.19, 21), um Templo não feito “por mãos de homens” (Marcos 14.58). Portanto, ele se oferece aos homens como o maná celestial, que foi uma vez guardado na Arca da Aliança no Templo.²⁷ Ele oferece as águas vivas do Templo de Ezequiel (Ez

²⁴ Clowney, “The Final Temple”, p. 106. Sou devedor a Clowney por seus discernimentos apresentados neste artigos, vários dos quais relaciono mais adiante.

²⁵ William Hendriksen, *The Gospel of Luke* (NTC) (Grand Rapids: Baker, 1978), p. 150. A presença de pastores nos campos nos meses de inverno era indicativa da intenção das ovelhas serem para o sacrifício.

²⁶ Veja R. J. McKelvey, “Christ the Cornerstone”, *The New Temple*, Alan Cole, ed. (London: Tyndale, 1950), pp. 195-204. Joachim Jeremias, “*lithos*”, *Theological Dictionary of the New Testament*, 4:268ss.

²⁷ João 6.49-58; Ap 2.17; cf. Ex 16.33-34; Hb 9.4.

47; cf. Joel 3.18; Zc 14.8) aos seus ouvintes (João 4.10-15; 7.38-39). Ele é o “Cordeiro de Deus” sacrificial destinado ao serviço do Templo (João 1.29). À medida que estabelece o Novo Pacto (Lucas 22.20), ele imprime sobre o coração dos seus seguidores a Lei de Deus (Jr 31.31-34; 2Co 4.3, 6; Hb 8.8-11), que era anteriormente guardada nas tábuas de pedra no Santo dos santos (Ex 25.21; Dt 10.5; Hb 9.4). Dessa forma, quando ele morreu, a era do Templo é formalmente terminada com o rasgar do véu (Mt 27.51). Quando fala da destruição absoluta do Templo físico no ano 70 d.C., ele não dá nenhuma insinuação de sua reconstrução endossada por Deus (Mt 24²⁸).

Cristo, então, é o Templo Verdadeiro. E seu povo, que está em união mística com ele, é chamado de “santo” (Rm 12.5; 1Co 12.27; Ef 4.12). Consequentemente, nós que somos o seu povo, também somos designados como um “templo”.²⁹ Isso é devido à sua presença habitadora entre o seu povo, de forma que nós, tendo o Templo Verdadeiro dentro de nós, podemos ser chamados de um templo. Cristo em nós é a esperança de glória (Cl 1.27). Não somente aquele que é o Templo Verdadeiro está em nós, mas nós também somos descritos como estando “em Cristo”.³⁰

Dessa forma, a noção profética da reconstrução do Templo (quando não fazendo referência ao Templo de Zorobabel) fala de Cristo e a edificação de sua Igreja (Mt 16.18; cf. Zc 6.12-13). Ele mesmo é o fundamento e a pedra de esquina (1Co 3.11, 16-17; Ef 2.20). Como povo de Cristo, somos *sacerdotes* (Rm 15.16; 1Pe 2.5, 9; Ap 1.6) que oferecemos nossos corpos como *sacrifício vivo* (Rm 12.1-2) e nosso culto como *ofertas de fragrância aceitável* (2Co 2.14-16; Fp 4.18; Hb 13.15-16; 1Pe 2.5). Dessa forma, “temos um *altar*, de que não têm direito de comer os que servem ao tabernáculo” (Hb 13.10). Quanto mais pessoas são convertidas por sua graça soberana, seu Templo do Novo Pacto cresce pedra após pedra (Ef

²⁸ Compare nosso estudo de Daniel 9.24-27 no capítulo anterior, com o estudo da Grande Tribulação neste capítulo (particularmente Mt 24.15; Dn 9.27). O Templo deveria ser destruído definitivamente, e nunca mais endossado por Deus.

²⁹ 1Co 3.16-17; 6.19; 2Co 6.16; Ef 2.19-20; 1Pe 2.5-9.

³⁰ Rm 3.24; 6.11, 23; 8.1, 2; 39; 9.1; 12.5; 15.17; 16.3, 7, 9, 10; 1Co 1.2, 30; 3.1; 4.10, 15, 17; 15.18, 19, 22, 31; 16.24; 2Co 1.21; 2.14, 17; 3.14; 5.17, 19; 11.3; 12.2, 19; Gl 1.22; 2.4, 16; 3.14, 17, 26, 28; 5.6; 6.15; Ef 1.1, 3, 10, 12, 20; 2.6, 7, 10, 13; 3.11; 4.32; Fp 1.1, 13; 2.1, 5; 3.3, 9, 14; 4.21; Cl 1.2, 4, 28; 2.5; 1Ts 2.14; 4.16; 5.18; 1Tm 1.14; 2.7; 3.13; 2Tm 1.1, 9, 13; 2.1, 10; 3.12, 15.

2.21; 4.12, 16; 1Pe 2.5,9). Como um sábio construtor, Paulo trabalhou nesse Templo (1Co 3.9-17).

Por meio de uma série de alusões ao Templo e ritual do Antigo Testamento, Paulo aponta para o *Novo Templo de Deus*: “E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Por isso saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; E não toqueis nada imundo, E eu vos receberei; E eu serei para vós Pai, E vós sereis para mim filhos e filhas, Diz o Senhor Todo-Poderoso. Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus” (2Co 6.16-7:1). Assim, como Clowney bem observa, “devemos reconhecer que isso não é uma espiritualização em nosso sentido comum da palavra, mas o próprio oposto. Em Cristo está o cumprimento. Não é apenas que Cristo cumpre o que o templo significa; antes, Cristo é o significado pelo qual o templo existiu”.³¹

Taylor destila bem as idéias básicas da complexa visão do Templo de Ezequiel: (1) A simetria imaculada da construção retrata a perfeição do plano de Deus para o seu povo. (2) O detalhe meticuloso dos rituais indica a centralidade da adoração na era do Novo Pacto. (3) A ideia central do Templo aponta para a presença permanente de Deus com a sua comunidade redimida. (4) As águas da vida fluindo do Templo expressam a operação vivificadora do Espírito Santo na nova era. (5) A distribuição cuidadosa de deveres levíticos e a partilha da terra falam dos deveres e privilégios do povo de Deus no futuro.³²

Fonte: *He Shall Have Dominion*, Kenneth L. Gentry, Jr, ICE (1992), p. 349-360.

³¹ Clowney, “The Final Temple”, p. 119.

³² John B. Taylor, *Ezekiel: An Introduction and Commentary* (Tyndale) (Downer's Grove, IL: InterVarsity Press, 1969), pp. 253-354.